



Nuno e Joana nunca sabem o que lhes cai no bolso ao fim do mês
FOTO JOSÉ CARLOS CARVALHO

Centros de saúde recebem primeiros dentistas na próxima semana

Projeto-piloto quer **testar presença de dentistas no SNS**, num país onde metade da população não consegue pagar consulta no privado. **Excesso de profissionais tem conduzido à precariedade e à emigração**, diz a Ordem

É o primeiro passo para a integração da medicina dentária nos cuidados de saúde primários do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Na próxima semana, 11 médicos dentistas vão chegar a 11 centros de saúde e Unidades de Saúde Familiar na região de Lisboa e, na semana seguinte, a duas unidades do Alentejo, no âmbito do Programa Nacional de Promoção da Saúde Oral.

As localidades de Monte da Caparica, Moita, Fátima, Salvaterra de Magos, Cartaxo, Rio Maior, Azambuja, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Lourinhã e Mafrá-Ericeira são as primeiras a receber os profissionais, seguindo-se Montemor-o-Novo e Portel. Esta fase-piloto destina-se apenas aos utentes menos saudáveis, como diabéticos, transplantados, insuficientes renais, com problemas respiratórios ou cardíacos, cancro ou que façam hemodiálise — e que pertençam a estas unidades.

Cada centro de saúde terá um dentista, um higienista oral e um assistente para garantir um conjunto diversificado de tratamentos. A avaliação dos resultados ditará, ou não, a pretendida generalização dos cuidados de saúde oral ao resto da população (saudável), a partir de 1 de janeiro de 2017, e no futuro à extensão do programa a todo o país.

O projeto estava previsto para arrancar no final de julho, mas acabou por resvalar para setembro. “Este processo não foi simples”, explica ao Expresso o gabinete do Ministério da Saúde, justificando o atraso com a necessidade de adaptar os espaços físicos, adquirir novos equipamentos, licenciamento dos locais, entre outros. Atualmente existem apenas 58 médicos dentistas no SNS.

O bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) con-

Centros de saúde terão dentista, higienista e assistente. A avaliação ditará, ou não, a expansão do projeto a toda a população e a nível nacional

sidera a iniciativa do Governo positiva, mas recorda que “é uma gota de água” nas necessidades do país. “Isto não resolve o problema de acesso dos portugueses ao SNS”, garante Orlando Monteiro da Silva. Ainda assim, pode constituir uma oportunidade, para a população e também para os dentistas, num país onde metade das pessoas não tem capacidade para pagar consultas no privado e onde o número de profissionais é excessivo para a rede existente. Para quem termina a universidade, a saída oscila entre a precariedade do subemprego e a emigração.

Percorrer quilómetros e clínicas

Um estudo interno da Ordem dos Médicos Dentistas, com dados relativos a 31 de dezembro de 2015, traça o retrato da nova geração que chegou à classe: multiplicam-se por várias clínicas, percorrem grandes distâncias para conseguirem dar o maior número de consultas, uma vez que recebem comissões ínfimas por cada atendimento. Mas muitos não atendem mais do que 20 doentes por semana.

Ao fim do mês, a remuneração pode oscilar, em média, entre os 400 e os 1000 euros. E de mês para mês nunca é igual, dependente do número

de atos médicos e de os doentes terem ou não seguro de saúde. “Estes casos de subemprego, debilmente valorizado e com remunerações deploráveis, podem traduzir-se numa perda de qualidade na prestação de serviços, apesar de termos uma maioria de profissionais superiormente qualificados”, sublinha o bastonário.

Ao contrário dos profissionais que exercem há mais de dez anos e dizem estar realizados profissionalmente (85,9%), 45,1% dos jovens não afirmam o mesmo. Cerca de 40% dos dentistas que trabalham por conta de outrem dão consultas em três ou mais clínicas, mas 39,2% não conseguem mais do que 20 consultas por semana.

Carolina Ferreira, 24 anos, é o retrato do estudo. Desde que terminou o curso em 2015 tem procurado emprego, sem sucesso. Quando enviava o currículo para as clínicas ou não recebia resposta ou “faziam propostas para trabalhar a percentagens muito baixas, a receber entre 22% e 25% do valor de cada consulta”, conta. Acabou por aceitar. Durante nove meses a jovem esteve num emprego-fantasma. “Tinha um ou dois pacientes por semana. O dinheiro não era suficiente ao final do mês, ganhava em média €200 brutos.” Terminou o vínculo quando conseguiu um estágio profissional.

“Estes casos de subemprego, com remunerações deploráveis, podem traduzir-se numa perda de qualidade”, diz a Ordem dos Dentistas

Também a residir na região de Lisboa, Mariana Vaz diz ter “mais sorte” que muitos dentistas da sua geração, que “pagam para trabalhar”. Como o colega que vem trabalhar do Porto para a Azambuja. Ou a rapariga que aceitou trabalhar a mais de 150 quilómetros de casa, a troco de nada, só pela experiência. Ainda assim, todas as semanas Mariana divide-se entre Paço de Arcos, Azambuja, Pinhal Novo e Póvoa de Santa Iria. Não sabe quantos quilómetros o seu carro contabiliza ao fim dos sete dias, mas “são muitos”. Licenciada há mais de dois anos, trabalha 11 horas por dia, seis dias por semana. Aos 26 anos, o dinheiro que soma a cada mês é uma interrogação.

Joana e Nuno Gonçalves especificam: com 29 e 26 anos, respetivamente, o que um dentista pós-graduado, como eles, leva para casa mensalmente pode alternar entre os €400 e €1000, depois dos descontos para o IRS e a Segurança Social. Também eles sabem o que é ter de percorrer diferentes zonas do país (Joana já trabalhou simultaneamente em Lisboa e em Aveiro) e clínicas (numa semana, dividem o tempo entre quatro), mas as percentagens que recebem por consulta nem são as piores, asseguram: situam-se entre 30% e 40%. “Mas quando há seguro de saúde, e hoje grande parte tem, podemos receber apenas €3 numa consulta, e às vezes nada, dependendo do seguro”, garante o casal Gonçalves. Embora tenham um bebé para sustentar e estejam “muito longe da estabilidade”, reconhecem que a sua “situação é melhor” do que há quatro ou cinco anos, quando se licenciaram.

MARIA JOÃO BOURBON
mjbourbon@expresso.imprensa.pt

NÚMEROS

54

é o número de quilómetros que um médico dentista percorre, em média, no percurso casa-trabalho

21%

dos médicos dentistas a exercer por conta de outrem não passam mais de 24h por semana a atender doentes em consultas

45%

dos médicos que exercem há menos de cinco anos afirmam que as suas expectativas não foram cumpridas, sendo a remuneração o principal fator

Dados do Estudo da Empregabilidade 2015 (Ordem dos Médicos Dentistas), realizado a uma amostra de 3161 profissionais a 31 de dezembro de 2015

1500 dentistas emigrados em 2015

Quando se trata de encontrar um motivo para a degradação do futuro da medicina dentária em Portugal, os dentistas nem hesitam: a culpa é do excesso de vagas nas faculdades, num país em que o número de profissionais é superior às necessidades. “A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda um médico dentista por cada 2000 habitantes, nós temos um rácio de um por 1161”, indica o bastonário, sublinhando que o número é ainda mais alarmante quando em Portugal metade dos portugueses não pode pagar uma ida ao dentista. Ou seja, um profissional por 580 pessoas. A consequência é o subemprego e o impacto deste é a emigração. Segundo cálculos da OMD, cerca de 1500 profissionais (15%) estavam no final de 2015 a exercer no estrangeiro, especialmente em destinos europeus. Um número que continuará a aumentar se não se cortarem vagas deste curso nas faculdades (só no nosso país existem três públicas e quatro privadas), alertam os profissionais, que imputam responsabilidades à OMD. A Ordem responde que tem uma intervenção “limitada” nesta questão e aponta o dedo ao Governo, considerando que é necessária uma visão a longo prazo. “Andamos a investir dinheiro na formação de dentistas, uma das mais caras do país, para que estes exerçam fora de Portugal.”

**Dentistas chegam ao SNS**

Projeto-piloto para ampliação e melhoria da saúde oral no SNS arranca na próxima semana com 11 médicos dentistas que vão chegar a 11 centros de saúde e unidades de saúde familiar na região de Lisboa e, na semana seguinte, mais dois que integram duas unidades no Alentejo. P22